

OS SUBSTITUTOS E O DISCURSO MILITAR SOBRE A SELVA AMAZÔNIA

OS SUBSTITU- TOS AND MILI- TARY DISCOURSE ABOUT THE AMA- ZON FOREST

Adriane R. Menegaz Veronese (UNEMAT)¹
Edson Flávio Santos (UNEMAT)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise da obra literária contemporânea *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, visando à relação entre literatura, imprensa e vida social. Analisaremos, especificamente, a reprodução do discurso colonialista, no enredo do romance, e sua relação com a campanha de divulgação do projeto de urbanização e ocupação da Amazônia, veiculada pela imprensa, entre o período de 1964 a 1985, em revistas e jornais. O estudo se dará por meio da pesquisa bibliográfica baseada em teóricos e críticos como: Bhabha (1998), Bakhtin (2016), Bosi

1 Doutoranda em Estudos Literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPGEL/Tangará da Serra-MT adriane.veronese@unemat.br.

2 Doutor em Estudos Literários (UNEMAT) / Docente do PPGEL/UNEMAT. E-mail: edsonflavioimt@gmail.com

(2017), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Coutinho (2011), Watt (2010), Perrone-Moises (2016), Melo (2003), dentre outros.

Palavras-chave: Amazônia, literatura contemporânea, ditadura militar, imprensa, Bernardo Carvalho.

Abstract: This paper aims to develop an analysis of the contemporary literary narrative *Os Substitutos* (2023), by Bernardo Carvalho, and the focus is on the relationship between literature, the press and social life. We will specifically analyze the reproduction of colonialist discourse in the novel's plot and its relationship with the publicity campaign for the Amazon urbanization and occupation project carried by the press between 1964 and 1985 in magazines and newspapers. It is a bibliographical research based on theorists and critics such as: Bhabha (1998), Bakhtin (2016), Bosi (2017), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Coutinho (2011), Watt (2010), Perrone-Moises (2016), Melo (2003), among others.

Keywords: Amazon, contemporary literature, military dictatorship, press, Bernardo Carvalho.

Reflexões iniciais

O mundo da cultura e da literatura é, em essência, tão ilimitado quanto o universo.
(Mikhail Bakhtin)

A literatura dá expressão à condição humana, com suas relações turbulentas com o outro e com a natureza. Cada texto constitui um objeto passível de ser estudado, analisado, compreendido (Candido, 2004). Sendo um objeto, um texto literário pode ser pesquisado, em sua constituição, pela teoria literária; ou, por seu diálogo com o mundo exterior, pela crítica literária. As obras literárias aproximam culturas, eliminam as fronteiras e o tempo, tornam-se intensas e carregadas de significado, (re) produzindo histórias que tratam da vida social de várias épocas.

Bakhtin (2017), em sua obra, *Notas sobre literatura*,

cultura e ciências humanas, esclarece que a criação literária não deve ser analisada isoladamente, sem considerar os fatores sociais, econômicos e culturais da época para que não se promova uma leitura sensacionalista. Na visão desse autor, a ficção literária representa o desnudamento das mazelas da vida pública e privada, dando espaço, na obra, para que este seja refletido na composição das personagens; e o cotidiano puro é ficção e invenção para o romancista, que se apoia na imagem e na memória

Para este estudo, tomamos como objeto a obra *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, escritor e jornalista brasileiro, nascido em 1960. Bernardo de Carvalho obteve reconhecimento da crítica nacional e internacional por abordar em suas narrativas ficcionais temas urgentes e universais. Em cada obra publicada, se mostra um autor artificioso que utiliza e manipula as palavras como sua principal ferramenta de trabalho, a partir das quais expõe os desconfortos e as angústias do mundo real. Com base no que afirma o pensador russo, é possível perceber que Carvalho consegue aprofundar sua narrativa, explorando e dissecando temáticas, que compõem a vida social e cultural, reproduzindo os comportamentos da sociedade.

Os Substitutos apresenta um plurilinguismo de vozes, que ecoam pela palavra, ainda latente, e (re)trata uma cratera nacional, social e histórica, deixada como herança pelos tempos da ditadura militar brasileira, e unida à ocupação e ao desmatamento da Amazônia. Na ficção, o escritor dá espaço para a representação dessa ação histórica, conhecida como os anos de chumbo, quando o governo militar empenhou recursos para que o progresso chegasse até a selva Amazônica, impulsionando a substituição da floresta em pé, pelo plantio de capim-colonião, extração e comercialização da madeira e a produção de gado de corte.

Dito isso, este estudo tem como objetivo investigar

a relação entre a obra literária *Os Substitutos* (2023), de Carvalho, e o projeto de colonização da Amazônia, por meio da análise do discurso militar, veiculado pela imprensa brasileira, nos tempos da ditadura militar, em manchetes de jornais e revistas selecionadas. Esta será uma pesquisa bibliográfica, embasada em conhecimentos teóricos e críticos, e enriquecida por artigos publicados e disponibilizados na rede de internet, visando promover um diálogo entre o romance contemporâneo e a história nacional. Para tanto, este artigo seguirá a seguinte organização: Introdução; 1. Entre o factual e a ficção: a ponte que liga o jornalismo e a obra literária *Os Substitutos* (2023); 2. Considerações.

1 Entre o factual e a ficção: a ponte que liga o jornalismo e o romance *Os Substitutos* (2023)

O brasileiro não tem direção nem disciplina. Nós vamos domar este país, vamos lhe dar um norte.
(Bernardo Carvalho)

De acordo com Melo (2003), o jornalismo é um fenômeno universal, com raízes europeias. O jornalismo brasileiro buscou inspiração no modelo português, mas carrega outras influências, tais como a francesa, a britânica e a norte-americana, contudo segue com características próprias.

O foco do jornalismo é a informação, a qual se constitui como uma necessidade do ser humano, sendo esta um ato político e social que reduz fronteiras. O homem contemporâneo necessita manter-se atualizado dos fatos e acontecimentos que o cercam. O ato de informar-se, ao tempo que informa, fortalece laços

comunitários e amplia o sentimento de pertença.

A informação, proveniente dos meios de comunicação, tornou-se, ao longo das décadas, requisito muito valorado no sistema capitalista, que movimenta o mundo e as relações comerciais. A imprensa viabilizou o jornalismo para o meio tecnológico, por exigência comercial e social, para compor a engrenagem burocrática, suprimindo a necessidade de circulação rápida de fatos, ideias e operações financeiras que movimentavam o mundo.

A literatura contemporânea, ao seu modo, também documenta eventos históricos, culturais e sociais. Como afirma Coutinho (2011, p. 345), “a literatura é um reservatório para a preservação, e um veículo para a transmissão de valores intelectuais, e ocupa por esse motivo um espaço central em toda a cultura”. Partindo desta função social, comum entre literatura e imprensa, tomamos para a análise a obra *Os Substitutos* (2023) e o recorte do fato histórico. Iniciaremos com uma reportagem, divulgada na imprensa, que retoma a discussão sobre o fato da época, disponível no jornal eletrônico, intitulado *Página22*.

Com a manchete: “Como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar”, a reportagem, publicada em 2020, apresenta a opinião do estudioso, historiador, botânico, dentista e paisagista Ricardo Cardim, que reflete acerca da devastação da floresta, como sendo uma ação politizada, e afirma que, até o final da década de 1960 e início de 1970, a Amazônia estava praticamente intocada, ou seja, não estava sob grave ameaça. A invasão na Amazônia decorreu de um projeto muito bem planejado, com total incentivo do governo e aliado aos interesses da iniciativa privada.

O artigo publicado por Kruguer (2022), intitulado *O discurso do governo militar: dispositivos mobilizados na colonização da Transamazônica*, apresenta um estudo sobre o fato histórico, relacionado ao Programa de Integração Nacional (PIN), instituído pelo Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970, e assinado pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici, que foi uma das peças-chave do projeto militar para a Amazônia. Ainda segundo a autora, o PIN tinha como objetivo principal preencher os “vazios” na Amazônia diante de seu vazio demográfico, sua falta de integração à nação brasileira e suposto risco de invasões internacionais.

A segunda reportagem jornalística selecionada foi divulgada em 2019, pelo jornal eletrônico *Brasil de Fato*, e divulga a seguinte manchete: “Ditadura e Volkswagen promoveram ‘maior incêndio da história’ na Amazônia: Montadora ganhou terras e isenção de impostos para desmatar a floresta nos anos 1970”.

A referida manchete chama a atenção pelo destaque dado a esse importante fato da época, pois se tratava de uma parceria entre a montadora de carros alemã Volkswagen e o governo militar de Geisel. O anúncio tornava público esse acontecimento e demonstrava grande satisfação pelo feito histórico de que, “[...] Em 1974, a Volkswagen veio a público para dizer que ‘orgulhosamente’ havia queimado 4.000 hectares de floresta amazônica em poucos meses, ‘um recorde nunca igualado até agora por nenhum outro projeto similar implantado na região’” (Monteleone, 2019). Este foi considerado um grande passo na execução do projeto de desmatamento da Amazônia, sendo repercutido e difundido por diversas formas, visando à propagação e veiculação da notícia,

por meio do rádio e dos jornais impressos e televisionados, com a finalidade de incentivar outras parcerias.

Entre o fato real, reportado e veiculado pela imprensa jornalística da época da ditadura militar, e a sua representação ficcional na obra literária, aliado ao pensamento teórico de Watt (2010, p.11), que afirma: “O romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária o problema entre a obra literária e a realidade que ela imita”, passamos a observar a obra ficcional de Carvalho com um novo olhar. Isso porque a narrativa desse autor nos remete ao regime militar brasileiro e ao fato histórico do desmatamento da Amazônia.

Observa-se, na obra literária, a reprodução do fato de histórico, com o seguinte trecho:

[...] Os militares estavam rifando a floresta. A única contrapartida (ou melhor, o único bônus) era que os contemplados com a pechincha ocupassem as terras em princípio devolutas, sendo que ocupar significa devastar enormes áreas de mata para plantar capim-colonião e criar e criar gado, tudo fartamente financiado pelo Estado. E como não estava em seus planos perder nenhuma chance, viajara para os Estados Unidos para negociar de antemão a madeira do desmatamento (Carvalho, 2023 p.12).

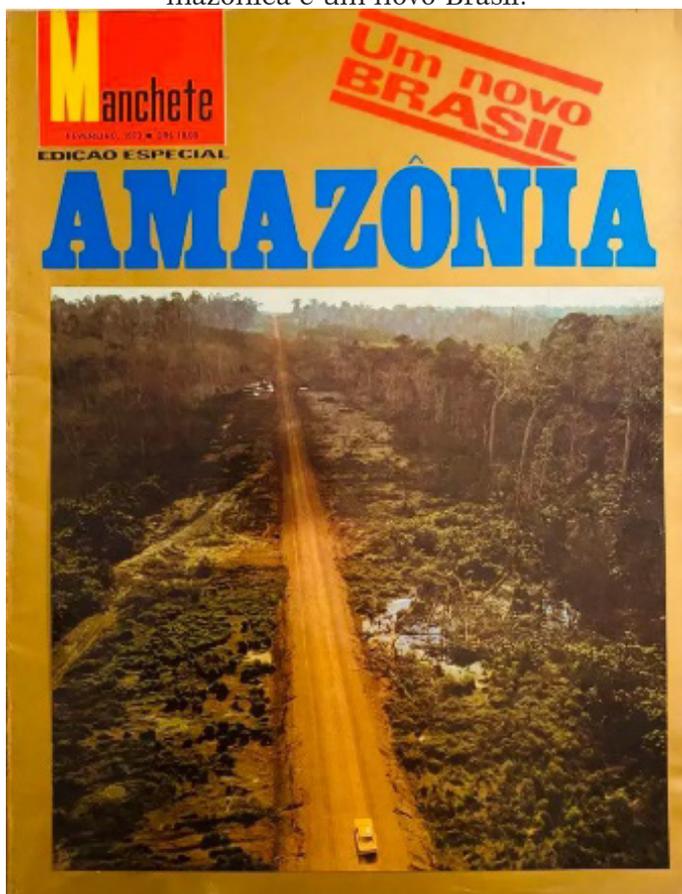
É possível verificar, nessa passagem, o conceito de Bakhtin (2015, p.164), sobre o falante no romance, ao tratar da exposição e da experimentação da palavra, quando o escritor dá espaço no enredo para a “exposição do ambiente dos universos e microuniversos sociais, históricos e nacionais [...] ou dos universos socioideológicos das épocas [...] ou das idades e gerações em relação com as épocas e os universos socioideológicos”. O

escritor Carvalho (2023) utiliza a ironia como recurso para trazer a temática do desmatamento, reproduzindo a forma como os militares fizeram uso da máquina governamental para fomentar, financiar e incitar uma parcela da sociedade conhecida, à época, como sulistas, pioneiros, ou mesmo, colonizadores a se aventurar em uma vantajosa oportunidade. Para isso, os candidatos a tal empreitada teriam que se submeterem a uma nova vida, “na direção do inferno” (Carvalho, 2023, p. 13).

Em outro trecho do romance, observa-se o chamamento do governo da época: “Precisamos de homens como você. Pioneiros dispostos a assumir a parte heroica, viril, da nossa história. Desbravar esta terra antes que ela passe de virgem a puta. Vamos deflorar o que é nosso antes que nos roubem nossas riquezas” (Carvalho, 2023, p. 25). A utilização da máxima, que fazia parte do discurso dos militares à época, foi observado por Kruguer (2022), em seu artigo, quando menciona os lemas conhecidos e utilizados, nesse período, tais como “terra sem homens para homens sem-terra” e “integrar para não entregar”. Essa era uma das formas utilizadas pelos militares para impulsionar e encorajar os aspirantes a pioneiros.

Na figura, a seguir, vê-se a divulgação da Amazônia, na capa da Revista *Manchete* (1973), com a imagem da famosa construção da Transamazônica, promovendo um novo Brasil e indicando um novo caminho para a “Amazônia”.

Figura 01: Capa da revista *Manchete* com a construção da Transamazônica e um novo Brasil.



Fonte: Acervo de Ricardo Cardim. Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/galerias/aofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia>.

A ação, divulgada pela Revista *Manchete* (Fig. 01), demonstrava que o governo garantia os meios necessários para que o desenvolvimento chegasse a passos largos nas terras inexploradas da Amazônia. A revista seria um canal de influência e divulgação dos grandes feitos do governo, e promoveria o despertar da população para a busca de uma vida nova, longe

dos grandes centros comerciais do país. Para Malheiro (2020), as políticas nacionais para a Amazônia desejavam aproximá-la, geograficamente, da nação.

Em *Os Substitutos*, de Carvalho (2023, p. 14), é possível observar a reprodução do despertar desse desejo e da vontade de vencer na Amazônia com o personagem “pai”, quando este é encorajado e financiado pelo sistema governamental a seguir em “uma aventura no inferno”.

Memmi (1977), em sua obra, “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, define a representação do colonizador como aquele que obtém um duplo privilégio, no momento em que ele descobre a existência do colonizado; e, ao mesmo tempo, seu próprio privilégio.

Retomando a obra literária de Carvalho, ela reproduz o discurso da época, com o personagem “pai”, que representa um pioneiro disposto a encarar a missão, recebendo total apoio e financiamento para iniciar os trabalhos, garantidos pelo do governo da época. A principal característica que importava seria a disposição do personagem para mudar a realidade financeira pessoal e a coragem de alterar a paisagem de mata fechada, transformando-a em vasta plantação de capim-colonião. E, para assegurar o acordo com o governo, bastava-lhe possuir espírito de luta para enfrentar os nativos, e manter o compromisso político e patriótico, como se observa no relato extraído do romance:

[...] o homem de farda prometeu ao pai o paraíso. Já adulto manteria por anos, na escrivania de trabalho, o registro informal daquele dia, uma foto esmaecida na qual o pai exultante com o desfecho da reunião, o terno amarfanhado como o de mendigo, posava ao lado dele pequeno, os dois encostados na carroceria de um DKW solitário, parado

junto do meio-fio, o gramado ralo sob o sol do Planalto Central, deixando exposta a terra vermelha até a miragem do Congresso ao fundo. O militar deve ter tirado a foto à saída do hotel (Carvalho, 2023, p.10).

Na cena descrita, no excerto anterior, temos o pai e o filho, no momento do fechamento do acordo de uma vantajosa proposta feita por militares influentes, ligados ao governo militar brasileiro, na sede do Distrito Federal. O realismo da passagem constitui um recurso muito presente na escrita de Carvalho, sendo que, no trecho em destaque, o escritor descreve, minuciosamente, o movimento que transformou a vida do personagem principal, o pai.

A partir da descrição dos elementos que remetem à ditadura militar, a princípio, temos a reprodução da negociação entre um civil e um militar; o homem mal vestido, comparado a um mendigo, recebendo uma proposta de outro homem, vestido com sua farda, negociando o paraíso. Nesse contexto, o homem de farda pode ser considerado um militar de alta patente, e o lugar, denominado Paraíso, as terras devolutas na Amazônia.

Outro recurso que compõe a cena é a fotografia. Isso porque o local e o momento exato da concretização da negociação ficam registrados na imagem de uma fotografia, que imortaliza a transformação da vida dos personagens. Nela, visualiza-se pai e filho encostados em DKW, um automóvel jipe muito utilizado pelos militares da época. A riqueza dos detalhes na descrição do espaço da narrativa remete tanto à capital do Distrito Federal, Brasília, quanto ao Planalto Central e ao Congresso, ambos os espaços que compõem a sede do governo brasileiro. Para Watt (2010), esse tipo de acordo que o romance suscita dá a sensação

de que estamos em contato não com a obra literária, mas com a própria vida, momentaneamente refletida pela lente dos protagonistas.

Consoante Melo (2003), a propaganda e as relações públicas processam mensagens que pretendem persuadir e levar os cidadãos à ação. É possível confirmar o conceito desse autor refletido na Figura 02, a seguir, que trata de um anúncio republicado pelo jornal eletrônico *Observatório 3 Setor*, em 2021.

Figura 02: Reprodução do anúncio: Toque sua boiada para o maior pasto do mundo.

Toque sua boiada para o maior pasto do mundo.

Na Amazônia a terra é barata, e sua fazenda pode ter todo o pasto que os bois precisam. Seu feno ou estagem queimado o capim, o gado fica bonito de janeiro a dezembro. É para ir para a Amazônia, você escolhe a ajuda que quiser. Com um projeto aprovado pela

Sudam, sua empresa recebe os incentivos fiscais de milhares de empresas de todo o país. É, com o financiamento especializado do Banco de Amazônia, você tem todo o apoio de que precisa. Quando chegar a hora de vender o gado, as notícias serão ótimas.

É que a produção atual da região Norte é muito menor que seu consumo. E, quando essa produção alcançar 1 milhão de cabeças por ano, em 1975, você terá o mercado nordestino ali pertinho, à sua espera. E também os portos que embarcam carne para a Europa e EUA. Por falar nisso, a carne sem

gordura do zebu é a mais procurada no mercado internacional. É por isso tudo que mais de 30 empresas agropecuárias já estão se instalando na Amazônia. Essa gente foi para lá movida por um forte impulso pioneiro, patriótico e empresarial.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
DESENVOLVIMENTO
DO NOROCCIDENTE
DA AMAZÔNIA-PARANÁ
FUNÇÃO
DA AMAZÔNIA S.A.
SUDAM
SISTEMA
DE
INCENTIVOS
FISCAIS
PARA
O
DESENVOLVIMENTO
DA
AMAZÔNIA

Fonte: Observatorio3setor. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-no-brasil-queria-transformar-amazonia-em-pasto/>.

O anúncio publicitário (Figura 2) foi elaborado pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), veiculado em jornal, e trazia a imagem de fundo de uma boiada, com a seguinte manchete: “Toque sua boiada para o maior pasto do mundo”, e incentivava uma propaganda de 1972, com

o discurso governamental que dizia, à época: “Na Amazônia a terra é barata e sua fazenda pode ter todo o pasto que os bois precisam” (Garcia, 2021).

É válido destacar que o referido anúncio, por ter sido patrocinado pela SUDAM, cujo objetivo era o de planejar, coordenar, promover a execução e controlar o desenvolvimento regional na Amazônia Legal, trazia em seu bojo um discurso nacionalista. Nessa direção, chamamos a atenção para o destaque dado à boiada (Fig. 2), como símbolo de desenvolvimento e riqueza para a época.

À época, o anúncio, publicado pelo Governo Federal, fazia referência à Amazônia como o maior pasto do mundo, afirmando tratar-se de terra barata, na qual o pioneiro poderia ter todo o pasto necessário para criar a sua boiada. E a proposta poderia ser ainda mais vantajosa pelos recursos financeiros oferecidos àqueles que, eventualmente, se aventurassem à empreitada de promover o desenvolvimento naquela região. Para além dos incentivos financeiros, estes teriam também a possibilidade de escolher a ajuda que mais lhes fosse vantajosa, tais como a dedução no imposto de renda e o incentivo ao financiamento para o desmatamento e a plantação de capim.

A obra literária de Carvalho reproduz o fato, no trecho, a seguir:

[...] a sede da fazenda. O que o pai chamava de vila era uma sequência de cinco casas simples e idênticas, brancas, caiadas, alinhadas num descampado ao longo da pista de pouso de terra. Os telhados de zinco refletiam o sol, à passagem do avião. A mata tinha sido derrubada num raio de algumas centenas de metros. As casas, a pista e uma sequência de currais comunicantes ocupavam uma clareira num mar de capim (Carvalho, 2023, p.100).

Na obra, o personagem pai cumpre o compromisso firmado com os militares, e avança com o desenvolvimento nas terras

adquiridas. Seu objetivo específico era o de garantir a extração da matéria-prima, no caso, a madeira, cujo destino era comércio exterior, abrindo espaço para a criação de gado de corte. Todo esse trabalho, com a garantia governamental de que não teria problemas e nenhum empecilho ao seu negócio, pois estaria levando o desenvolvimento para aquela área inóspita.

As principais características fundantes, que movem o colonizador, de acordo com Memmi (1997), são o tripé lucro, privilégio e usurpação. A consciência do colonizador, segundo o autor, é moldada por esses três elementos. É possível verificar, na obra de Carvalho, que a consciência do personagem “pai” também era moldada por esse tripé, uma vez que seu principal objetivo era o de obter lucro em suas negociações.

Considerações

Considerando as reflexões acerca da literatura, imprensa e vida social, é possível aferir que a obra literária *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, aborda várias temáticas contemporâneas, que refletem as mazelas da sociedade brasileira e mundial. Logo, verifica-se a forte relação entre obra literária e imprensa, pela reprodução do fato histórico do período militar, vivenciado entre os anos de 1964 a 1985, tomado pelo enredo da narrativa ficcional.

Foi possível observar, ainda, a reprodução da ação panfletária do período e do discurso militar, empenhado na divulgação do projeto militar, refletidos na obra, fatos ilustrados com recortes de jornal e revista, que se propunham a divulgar esse discurso, e impulsionar a devastação na Amazônia da época.

A obra utiliza-se do realismo, como recurso empregado pelo autor, para desenvolver o enredo e reproduzir temáticas de origem social. É importante registrar que essa é uma obra da literatura contemporânea brasileira, escrita por um autor

brasileiro, jornalista de formação, que acessa o repertório cultural de seu próprio país, e o tematiza, dando vida aos seus personagens no romance.

Os grandes avanços nos diversos setores da sociedade, que abarcam a vida social, política, econômica e ambiental, e promovem discussões, repercutem nos escritos do tempo, dentre os quais os da literatura e do jornal (ou revista). Esses fatos históricos e sociais podem ser acessados e revisitados, devido à função social da literatura e da imprensa jornalística, que se ocupam de capturar retratos no instante do acontecimento, fomentando relações sociais, imortalizando-os nas obras literárias.

Referências

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Editora 34, 2015.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

CARDIN, R. A ofensiva da ditadura militar contra a Amazônia. *UOL*. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/galeria/a-ofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia/> Acesso em: 20 jun. 2024.

CARVALHO, B. *Os Substitutos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Org.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2011.

DAMASIO, K. Ditadura militar quase dizimou os Waimiri Atroari – e indígenas temem novo massacre. *National Geographic*. História. Publicado em 01 de abr. de 2019 e Atualizado em: 5 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/04/ditadura-militar-waimiri-atroari-massacre-genocidio-aldeia-tribo-amazonia-indigena-indio-governo>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GARCIA, M. F. Ditadura Militar no Brasil queria transformar Amazônia em pasto. *Observatório 3 Setor*. História. Portal de notícias. Publicado em 23 de abr. de 2021 Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-no-brasil-queria-transformar-amazonia-em-pasto/> Acesso em: 20 jun. 2024.

GLOBO. Ditadura militar incentivava a agropecuária na Amazônia. *G1*. Portal de notícias, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/ditadura-militar-incentivava-a-agropecuaria-na-amazonia-7875477.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KRUGER, R. B. O discurso do governo militar: dispositivos mobilizados na colonização da Transamazônica. *Revista de História da UEG*, Morrinhos, v.11, n.2, e-12220 jul./dez.2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/12968>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MALHEIRO, B. C. P. Colonialismo Interno e Estado de Exceção: a “emergência” da Amazônia dos Grandes Projetos. *Caderno de Geografia*, v. 30, n. 60, p. 74-98, 2020. ISSN 2318-2962. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/20906/16395>. Acesso em: 07 jun. 2024.

MELO, J. M. de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. Disponível em: <https://pagina22.com.br/2020/11/19/como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar/>. Acesso em:13 jun. 2024.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

MONTELEONE, J.; SEREZA, H. C. Ditadura e Volkswagen promoveram “maior incêndio da história” na Amazônia. *Brasil de Fato*. Política/Memória. Publicado em 21 ago. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/21/ditadura-e-volkswagen-promoveram-o-maior-incendio-da-historia-nos-anos-1970/> Acesso em: 20 junho 2024.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WATT, I. *A ascensão do romance*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WENZEL, F. A Amazônia já era!: como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar. *O Eco*. Portal de notícias. Publicado em 04 de out. de 2020 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603474-a-amazonia-ja-era-como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar>. Acesso em: 20 jun. 2024.